

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad braaium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 43, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christi* (XVII) — A devoção do pobre, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO CRITICA: *O presente e o passado*, pelo ex.^{mo} sr. Placido de Vasconcellos Maya; *Ao fundo!* pelo ex.^{mo} sr. D. Antonio d'Almeida; *A verdadeira Bernadette de Lourdes* (cartas do Mons. Ricard ao sr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre a validade de certa permuta e provisão de parochia*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Homenagem á Charota*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; *No deserto*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; *Sciencia moderna* (diálogo); *Methodo para evitar peccados*, pelo ex.^{mo} sr. Barão do Calvario. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *A vida de Santa Inez*, pelo ex.^{mo} sr. Falcão de Lima. — SECÇÃO ILUSTRADA: *Vocação d'Abrahão*; *Bethsabée* pela redacção. — **RETROSPECTO:** pela redacção.

GRUVIUM: *Vocação d'Abrahão*; *Bethsabée*.



VOCACÃO D'ABRAHÃO

SECCÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XVII

A DEVOÇÃO DO POBRE

O MUNDO louco despreza o pobre, porque este não tem offerendas, que depôr nos seus altares. Não tem dinheiro para festejos apparatusos, que recreiem os sentidos e fomentem a soberba do luxo e da presumpção. Não tem sedas para recolher o pó e varrer a lama das ruas da cidade. Não tem brilhantes, que fascinem nos grandes saraus, nem veste segundo os ultimos figurinos, nem se perfuma com a essencia das flores do rico oriente, nem estudou o vocabulario da farga nem o da mentira, come o negro pão, que com o suor do seu rosto negoceia, veste do linho dos seus campos e da lã das suas ovelhinhas, adorna-se com migalhas d'ouro, que herdou dos seus avós, e se perfuma com os murtinhos, que queima na sua lareira, vive da realidade das cousas, não serve para o mundo da mentira.

Mas Deus, que, para ricos e pobres, creara o mundo, ama o pobre. Jesus, que, na sua vida mortal, viveu com os pobres, e como pobre ganhou, suando no trabalho, o pão, que comia na juventude, e que, mais tarde, na prégação do seu evangelho viveu d'esmolas, ama o pobre, e os celestes cortesãos, que não tem outra propriedade, que as misericordias de Deus, que para todos chegam até estarem plenamente satisfeitos, amam o pobre, que vive no collo da providencia divina; e a razão humana, quando alumada pela luz da justiça, ama o pobre porque é quem com o seu suor amassa o pão, que comemos, e tece os vestidos que vestimos, ama o pobre, porque ao seu trabalho se devem os confortos da vida, porque é imagem de Deus, como nós, porque é o nosso irmão. O mundo egoista só tem estomago, carece de coração. E' por isso que não ama ao pobre.

O pobre á luz do mundo é uma sombra mais ou menos triste e por vezes medonha ou repugnante. A luz do céu o pobre é a bem cheirosa violeta que se alastra humilde nas bordaduras dos campos e dos arroyos, nas ribanceiras das estradas, no fundo do valle, nas encostas, nos outeiros, nas altas serranias, perfumando o ambiente, e recreando a humanidade. O seu delicado perfume, aquecido no fogo do amor divino, eleva-se por vezes em ondas d'amor purissimo ao través das correntes atmosfericas até ir sobranceiro além do ether

penetrando fagueiro na região impalpavel, mas por certo bella, encantadora, onde os espiritos venturosos disfrutam muito em paz a gloria das suas conquistas.

Ah! e quando ali apparecem os mais abrasados Seraphins, o recolhem sollicitos, quanto gratos e deferentes, sobre as suas azas d'ouro e vão prostrar-se perante o throno da trindade augusta e, adejando ali, o offerecem á propria divindade, que n'elle se recreia.

E' esse o perfume da singela flôr da devoção do pobre, que despreza o mundo e recolhe o céu!

O pobre como não dá esmolas, nem levanta altares, nem manda dizer missas, nem promove festas, nem paga orquestras, nem queima foguetes no arraial, nem toca bombo, entende muito boa gente que não tem devoção: mas engana-se.

A devoção não está em cousa alguma d'essas apparatusas que o pobre não faz, não pôde fazer, mas sim no coração, que, porque Deus é o summo bem, o ama, porque é o universal bemfeitor, tudo lhe agradece, porque é a summa auctoridade aceita seus preceitos, e porque é a sua unica esperanza de plena satisfação O vai buscando.

E o coração do pobre é bem mais a goito, para sentir assim, que o do rico, porque, como nas altas serranias luz mais o sol, porque não ha montanhas mais altas, que lhes façam sombra; tambem os afagos immensos de Deus se tornam mais salientes sobre o coração do pobre, porque não ha outros, que os pretendam obscurecer. E a devoção germina, cresce e fructifica ao sopro d'esse alento vivificador.

Ao que o mundo despreza, Jesus afaga; a quem o mundo opprime, Jesus o exalta; a quem os filhos do mundo não dão logar nas suas mezas, o Filho de Deus, Jesus, o convida para a sua grande ceia.

E' por isso que o pobre se acha mais desembaraçado para andar e ir muito longe nos espaçosos jardins da devoção christã. E tanto é assim que os que aspiram a maior perfeição seguindo o preceituado pelo divino Mestre principiam por desprender-se de tudo, o pouco, ou muito, que possuíram, para entrarem n'esse caminho.

E' pois a devoção menos rara do que se pensa entre os pobres. Não ouvem muitas missas, mas não faltam por nada, nem por ninguem, ás de preceito. Não vão em longas peregrinações: mas não faltam onde os chamam os seus deveres.

Não resam muito, mas não se esquecem do seu terço, trabalham muito, comem á pobre mesa, dormem em dura cama, não se vêem cercados de bajuladores, que os engrandeçam, mas sim

de tyrannos que os opprimem, não de confortos, que os consolem, mas de necessidades, que os mirram.

E quando o pobre faz esse pouco e isso muito soffre paciente e alegremente é verdadeiramente devoto.

Tem, porém, para o conseguir, que luctar com o desalento natural da fraqueza humana, contra as sombras da ignorancia, que o cercam e contra as paixões ruins, que o chamam a outro caminho. E' tambem militar nas fileiras de Jesus Christo.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGATA.

SECCÃO CRITICA

O presente e o passado

Muito vulgar ouvirem-se apreciações muito lisongeiras e muito laudatorias dos tempos passados, ao mesmo tempo que se lança sobre o presente o labeu do pessimismo mais exagerado! Ora, nós francamente diremos que a verdade está no meio termo, nem antigamente tudo eram rosas, nem actualmente tudo são espinhos. Antigamente havia coisas muito boas e coisas muito más, actualmente ha coisas boas e coisas más; e como o principio do bem e o principio do mal existem na natureza, ha de em todo o tempo haver boas coisas e más coisas. Nunca existirá na terra o bem absoluto, nem tão pouco o mal absoluto.

Nós com muita difficuldade podemos formar um juizo aproximado da verdade, tanto dos tempos antigos como das coisas actuaes; porque vemos os factos antigos atravez d'um prisma, que nos apresentam os factos aureolados pela fama e pelo amor proprio nacional, em que tudo são rosas; porque os espinhos já não nos podem rasgar as carnes, mas sabe Deus quanto fizeram sangrar as gerações que então povoavam o reino! Quanto aos factos do tempo presente tambem não somos geralmente mais justos na sua apreciação. Ninguem aprecia e dá a menor importancia aos bens que gosa, principalmente se não lhe custam sacrificio immediato: ninguem se preoccupa por exemplo com a segurança da sua pessoa e das suas coisas, se vive n'um paiz policiado; apezar da segurança, da paz e da ordem serem as primeiras e mais essenciaes condições da prosperidade publica e privada, o homem robusto e sadio não liga a menos importancia á saude, e só quando a perde é que lhe dá valor.

Nós, por exemplo, que vivemos no meio dos mais virentes jardins naturaes do Minho, não apreciamos estas

bellezas e estes encantos, como o fazem os que são estranhos a esta terra: assim nós quanto mais mimosos estamos, mais sentimos as contrariedades e os males que nos affligem, ao mesmo tempo que nada nos impressiona os bens que estamos acostumados a gozar. Temos aqui á porta a formosa e famosa estancia do Bom Jesus do Monte, e como podemos gosar dos seus encantos todos os dias, sem grave incommodo, não a apreciamos devidamente nem já nos impressiona como o faz aos que pela primeira vez a contemplam e gosam.

Assim ninguem habituado a certos gozos e commodidades, lhes dá o verdadeiro apreço; emquanto que mais mimosos estamos mais commodidades possuímos, mais exageramos os males que nos opprimem. Ora, como não ha rosas sem espinhos, não podemos gosar os seus encantos e absorver os seus aromas sem o risco de nos picarmos em seus espinhos.

Além d'isto, em geral todos nós fazemos juizos mais ou menos apaixonados dos homens e das coisas; se são amigos exageram-se-lhe as virtudes e occultam-se-lhe os vicios e os defeitos; pelo contrario se são adversarios exageram-se-lhes os defeitos e os vicios, pondo-se bem em relevo, e occultam-se-lhes as virtudes e os meritos, desdenhando d'elles e malsinando tudo, quando se não calunnia e envenenam as suas acções as mais benemeritas.

Queremos muitos melhoramentos materiaes e moraes, mas não queremos pagar esses serviços; queremos o bem e a commodidade, mas repellimos com indignação os males inherentes e correlativos. E' assim a justiça dos homens.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

Ao fundo!

VAMOS com verdadeiro criterio ao fundo dos homens e das cousas! Vamos quer dizer: façamos tal estudo!

A apparencia é uma capa, e a capa pôde cubrir o que é bom e o que é mau, não podendo ser a mesma para os dous encobertos por juncto ou separadamente. Ha o sério, ha o superficial, ha quem se contente só com o que verdadeiramente é real; ha quem se sente satisfeito só com o que é apparente e superficial e d'esta laia, ha hoje... *infinitus numerus*.

Os loucos d'estes tempos querem tudo a vapor e até no pensar, se é que elles pensam; e não pensando é-lhes impossivel meditar, pois que a meditação assenta no pensamento.

Modernissimamente ou segundo o espirito do modernismo deve o homem occupar-se de muitas especies sem se afadigar com cada uma d'ellas, o que dá em resultado o *in cunctis et nihil in omnibus*.

No que actualmente só se pensa dia e noute é no como se haverá dinheiro para os gozos das satisfações temporaes; adora-se o bezerro de ouro. Comprehende-se que o homem, alheando-se aos principios eternos, se alheie ao profundar; taes principios são para tudo em que se queira proceder verdadeira e correctamente; são ensino, são guia, são lastro para que o navio-homem se sustente nas condições para não sossobrar.

Com o verdadeiro criterio faz-se a autopsia moral dos homens e das cousas, e sobre a autopsia recae a analyse. Sobre esse quasi cadaver, que *jam foetit* e se chama sociedade moderna, o philosopho catholico Apostolico Romano faz a autopsia e a analyse por um processo facilimo: afêre o que encontra n'aquelle quasi cadaver com os principios eternos e logo fica convencido que n'elle só ha um embebido toxico mortifero.

Se é publicado um trabalho mais extenso ou proferido discurso menos lacónico, guardando-se aliás n'uma e n'outra hypothese a prudencia de tempo, ouve-se: as massadas estão prohibidas! E porque corre tanto e tanto esta sentença de fracos juizes? Porque só agrada aos civilisadissimos o superficial e rapido para que uma superficialidade não demore que outra appareça; e dá-se isto não só nos de baixa ou mais baixa esphera como tambem, ao menos proporcionalmente, nos que pessoalmente se reputam alevantados.

Nos estudos sobre a natureza para tirar proveito temporal das riquezas da mesma natureza que o grande Padre Vieira definiu: a arte de Deus em taes estudos ainda ha homens leigos ou seculares que estudam a fundo, embora uma parte, a maior, de taes estudiosos vejamsó a natureza e não se elevem para contemplar e agradecer o auctor d'ella; porém nas sciencias positivo-morales, n'estas é o clero que as estuda profundamente e por excepção algum secular ou leigo; e o clero não negligencia as sciencias ditas academicamente naturaes como tantas mestrias provas tem dado e vae dando ainda n'estes tempos e dará nos outros; e quando é citado Padre Secchi é para asseverar: *ab uno disce tantos!*

O clero do habito de S. Pedro, dito por outra phrase secular, estuda e publica magistralmente um v. gr. Manning, um Margotti, um Sousa Amado,

um Naudet, etc., mas tem de restringir seu tempo de estudos por o muito que lhe são tomadas suas horas pelos trabalhos ecclesiastico-sociaes.

O claustro é o maior laboratorio de estudo profundo de todas as especies: oração, estudo, missão, eis os tres capitulos da vida claustral, encadernados nas tres virtudes theologaes: Fé, Esperança e Caridade!

O claustro tanto vae ao fundo da verdadeira sciencia que se eleva ás maiores alturas.

O claustro tem sido, e ha de ser sempre, uma das maiores glorias da verdade; a inspiração divina dictou o claustro e não ha forças humanas nem esforços diabolicos que sejam capazes de o fazer desaparecer da terra; tem podido o Diabolus fazel-o desaparecer da superficie do sólo de um paiz, ou de outro, porém arrancar-lhe a raiz nunca; e citemos um dos factos como prova do que acabamos de asseverar: no tempo de Henrique VIII, soberano da Inglaterra.

O claustro foi perseguido e espoliado, desapareceu da superficie ingleza, porém a raiz da vida monastica lá ficou e tanto que hoje ha no imperio britanico mais claustros do que nos tempos anteriores ao decreto sacrilego, que fechou na mesma Inglaterra os conventos com a expulsão dos frades e freiras dos seus claustros; reapareceram os institutos claustraes que antes existiram, e appareceram novas ordens religiosas, cujos venerandos fundadores são de data posterior ao tempo de Henrique VIII de Inglaterra. Indo-se ao fundo dos homens e das cousas acha o verdadeiro criterio aquillo que os homens superficiaes ignoram.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR
MONSENHOR RICARD, PRELADO DOMESTICO
DE SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

(Continuado de pag. 8)

Morte

CHEGOU a Paschoa com as alegrias da Resurreição. A Irmã Maria Bernarda continuava sempre no Calvario ou em Gethsemani.

Na terça-feira de Paschoa foi o dia da sua agonia espiritual. O demonio atormentou-a violentamente, como atormentou a Jesus Christo e seus santos. Na noite de segunda-feira ouviram-lhe exclamar algumas vezes: «Vae-te, Satanaz!» De manhã disse ao seu dire-

ctor que o demonio lhe tinha causado um grande medo, procurando lançar-se sobre ella; mas que, pronunciando o nome de Jesus, tinha desaparecido.

A athleta de Christo fortificou-se na terça-feira de manhã com o Sagrado Viatico e o combate recomeçou breve. De tarde, a Irmã Nathalia, segunda assistente da Congregação, em quem a Irmã Maria Bernarda tinha uma religiosa confiança, encontrava-se junto d'ella: «Minha querida Irmã, tenho medo... tenho tanto medo! exclamou a pobre agonizante.» A religiosa procurou socegal-a. «Ah! replicou ella, tenho recebido tantas graças! e tenho medo de as ter aproveitado pouco.»

A Irmã recordou-lhe as infinitas misericordias de Jesus. «O doce Salvador é bastante rico para satisfazer todas as nossas dividas; e nós também queremos ajudal-a com as nossas orações.» A Irmã Maria Bernarda soltou um grito de felicidade: «Agora estou tranquilla.» Este socego durou até ao fim.

Na quarta-feira, 16 de abril, a Irmã Maria Bernarda estava sentada na sua poltrona, orando e esperando a morte. A uma hora depois do meio dia mandou chamar o confessor; quiz purificar-se mais uma vez pelo sacramento da penitencia. «Soffre muito, minha Irmã?» lhe disse uma das suas companheiras. — «Tudo isto é bom para o céo», replicou a Irmã Maria Bernarda. «Eu vou pedir á Nossa Mãe Immaculada que lhe dê consolações.» — «Não, respondeu a doente, consolações não, mas força e paciencia.»

Lembrou-se então da benção especial que Pio IX lhe tinha concedido anteriormente para a hora da sua morte. Quiz ter na mão o diploma pontificio; e, para luerar a indulgencia plenaria, pronunciou piedosamente o nome de Jesus.

Um instante depois disse com amor: «Meu Deus, amo-vos com todo o meu coração, com toda a minha alma, com todas as minhas forças.»

Recitaram-lhe as orações dos agonizantes.

Com uma voz fraca mas distincta, repetiu os actos que lhe suggeriam. Todos os assistentes notavam com commoção que de tempos a tempos abria os olhos com vivacidade e lançava olhares de fogo sobre o Crucifixo pendurado na parede. Collocaram-lh'o entre as mãos desfallecidas. O sacerdote recordou-lhe a letra do Cantico dos Canticos, pelo qual o Esposo divino convida a alma fiel a collocar o Esposo como um sello sobre o seu coração.

A moribunda pegou com força no Crucifixo, apertou-o energicamente de encontro ao coração, como se o quizesse internar no peito. Collocaram-lhe

o Crucifixo de maneira que o pudesse beijar e apertar sobre o coração. Viram-n'a também estender os braços em fórma de cruz, murmurando: «Ah! eu amo-o!»

Eram duas horas; a morte custava a vir. A agonizante julgava-a ainda distante; dispensou o sacerdote que foi ouvir confissões e as Irmãs que foram á capella resar as Ladainhas do Santissimo Sacramento. A Irmã Maria Bernarda continuou a orar com algumas companheiras.

* * *

A's duas horas e tres quartos a Irmã Nathalia, que acabava de se confessar, sentiu-se interiormente apressada a subir á enfermaria. Deixando para outra occasião a acção de graças, correu para junto da moribunda. Ao entrar viu que ella lhe estendia os braços, dizendo: «Ajude-me, ore por mim.» Por duas vezes, estendendo-lhe as mãos supplicantes, lhe fez o mesmo pedido. As orações de suas queridas Irmãs deram-lhe um pouco de força. A moribunda pediu perdão á Irmã Nathalia dos incommodos que lhe tinha causado. Era bem a esposa de Jesus, manso e humilde de coração.

Procurou a sua força em Jesus Crucificado; tomando amorosamente o seu crucifixo, beijou vagarosamente cada uma das Cinco Chagas do Salvador. Depois fez signal de que queria beber; e sustentando o copo nas mãos enfraquecidas, bebeu por duas vezes algumas gottas. Antes de chegar o copo aos labios, Bernadette fez solemnemente um d'esses rasgados signaes da cruz, que tinha aprendido da Mãe de Deus. Esse signal da cruz commoveu as testemunhas d'esta agonia, como tinha encantado as testemunhas do extase.

O fim approximava-se; Bernadette estava em paz. As Irmãs recitaram ainda outras orações. A moribunda acompanhava-as com o coração e algumas vezes com a voz quasi extincta. Enfim, murmurou duas vezes a segunda parte da Avé-Maria, que ella tantas vezes e tão alegremente recitára na Gruta. Ainda uma terceira vez começou a dizer: «Santa Maria, Mãe de Deus...» Não pôde acabar. As companheiras vendo-a morrer, apressaram-se a dizer em voz alta: «Jesus, Maria, José, assisti-nos na ultima agonia.»

Bernadette inclinou a cabeça e entregou a alma a Deus. §

Eram tres horas, a hora em que Jesus morreu sobre a Cruz. Era quarta-feira, dia consagrado a S. José, o bemaventurado patrono a quem Bernadette tinha pedido a graça da boa morte. Era quarta-feira de Paschoa. Em igual dia, 21 annos antes, Bernadette em extase diante da Virgem da Gruta tinha um cirio acceso entre as mãos, sem sentir o contacto da chamma, que lhe passava atravez dos dedos, unidos para orar.

Apoz 21 annos, quarta-feira de Paschoa, Bernadette, essa doce luz que a Virgem Immaculada havia collocado no castiçal da Santa Egreja, essa purissima luz eclipsava-se no mundo para ir brilhar entre as estrellas do Paraizo. (1)

N'esse dia a Egreja cantava: «Eis o dia que o Senhor fez, exultemos e alegremo-nos n'este bello dia, Alleluia!»

A liturgia sagrada recordava a gloria do Salvador resuscitado; e mostrando no fim dos seculos os membros do corpo mystico de Jesus resuscitados com o seu chefe, lhes dirigia a phrase do Soberano Juiz: «Vinde, benditos de meu Pae, possuir o Reino que vos tenho preparado.» (2) O doce Salvador terá dito também á sua esposa fiel: «Vem, levanta-te, minha amada; o inverno d'esta vida mortal passou com as suas provas; as flôres da eterna primavera brilharam sobre a terra dos vivos. Segui-me nas humilhações e nas dôres do Calvario; segue-me na Gloria e nas delicias do Paraizo.»

A Virgem Immaculada terá dito á sua humilde serva: «Foste fiel á tua promessa e en serei fiel á minha. Fizeste-me a vontade em ir á Gruta durante quinze dias e honraste-me até ao ultimo suspiro da tua vida; e eu faço-te também a graça que te prometti. Não tiveste a felicidade n'esse mundo; anda gosar no outro, em que te espera Jesus.»

(Conclue.)

(1) Introito da missa do dia.

(2) Documentos incontestáveis provam que esta appareição teve lugar na quarta-feira e não na segunda de Paschoa. Tem-se já notado que a mãe de Bernadette havia morrido, orando, a 8 de dezembro de 1866, ás 3 horas, enquanto se cantava pela primeira vez, na capella da Crypta, as Vesperas da Immaculada Conceição. O pae morreu muito christãmente a 4 de março, anniversario do ultimo dia da quinzena das Apparições O Senhor Soberano dos tempos dispôz os dias e as horas para a glorificação dos seus escolhidos.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre a validade de certa permuta e provisão de parochia

O Bispo de C., já fallecido, expoz em 15 de janeiro de 1882 á Santa Sé que o parochio Gregorio Nofito, a quem por Bulla pontificia do anno de 1876 fôra conferida a parochia de Santa Maria das Graças, não disfructava de muito boa opinião para com o povo. Diz-se, affirmava o Bispo, que mandou curtar arvôres em fintas da Igreja e que não fomentava os bons costumes.

Por isso a Sag. Cong. dos Bispos e Regulares mandou escrever ao Bispo que procurasse convencer o parochio de que devia renunciar á sua parochia: acrescentou que, se resistisse, instruisse processo, segundo a Instrucção de 11 de junho de 1880. O Bispo não cumpriu o mandato da Sag. Cong., crendo que sem barulho podia remediar-se aquelle damno, mediante uma permuta que fizesse o parochio com outro. Para esse fim propoz este meio ao parochio Rosario Donato, que tinha obtido por concurso, em 1 de maio de 1881, a parochia de M. Ao principio Donato resistiu; mas depois, diz o mesmo, julgou conveniente acceder, tanto pelo respeito devido ao Prelado, como porque, apesar de correr o segundo anno desde a realisação do concurso, ainda não tinha podido obter o *regium exequator*.

Em virtude da permuta, diz Donato, e das ameaças que me fez o Vigario Geral, pedi a parochia de Santa Maria das Graças, pondo-se-me com effeito de posse d'ella. Mas tendo sido representado ao Procurador Regio o testemunho da permuta, este não quiz approval-a, fundando-se em que o *regium exequator* sómente o tinha concedido a Donato para a parochia de M., que obtivera por concurso.

O Bispo successor recorreu á Sag. Cong. dos Bispos e Regulares solicitando a nullidade da referida permuta, por não ser d'utilidade alguma, mas de prejuizos não pequenos ás duas parochias.

Expostas unanimemente as razões pró e contra a petição do Bispo, fizeram-se á dita Sag. Cong. as duas perguntas seguintes:

- 1.ª Se n'aquelle anno foi valida a permuta das duas parochias.
- 2.ª Se deve tomar-se alguma providencia, e qual, relativamente á provisão da parochia de M. e de F.

A Sag. Cong., em 28 de novembro de 1884, dignou-se responder: A' primeira, *negativamente*; á segunda, já está previsto na primeira.

DEDUÇÕES

1.ª Segundo o Santo Concilio de Trento, sessão 24, capitulo 18, as egrejas parochiaes só devem ser providas por concurso, de modo que *toda a provisão ou instituição feita d'outra forma, deve julgar-se subrepticia*, e *nulla ipso jure*, não guardada a forma de concurso.

2.ª Por isso, um parochio de Roma que haja de ser transferido para outra parochia, deve provar em concurso que reúne todos os requisitos necessarios para desempenhar as funcções na nova parochia, ou obter um Rescripto expresso da Santa Sé derogando o direito *commum*.

3.ª Este só póde ser derogado pelos Summos Pontifices, e não pelos Bispos; nada devem resolver os Concilios provinciaes nem os diocesanos que prejudique os direitos ou auctoridade da Santa Sé.

4.ª No caso actual, o Bispo fez tudo pela sua propria auctoridade, mesmo contra os mandatos da Sagrada Congregação, e sem justa causa, a saber: a necessidade ou utilidade da Igreja; verificada a permuta, as dissensões e os escandalos dos povos cresceram.

SECÇÃO LITTERARIA

HOMENAGEM A' «CHACOTA»

Aprenda-se a educar:
Sem bons principios moraes,
Jámais podereis, ó paes,
Vossos filhos... libertar
Da escoria dos tremedacs!

Lêde bem aquelle artigo
Denominado «Arre burro»,
Que inda que vos choire ao esturro
Parece obra de um amigo
Do povo... sempre casmurro.

E ao que por hí se vae dando,
Responda Noventa e trez...
Que allalla de quando em vez
No anarchismo nefando
Que milhões de mortes fez!...

Tudo nos aponta um Deus:
Vê-se na noite, no dia,
E dos orbes na harmonia,
Assim como dos athous
Na sempre alvar theoria...

Se o não ha, para que o negam?
Negar o nada é tollice
Que patentela a doídice
De quantos na penna pogam
Para tão palmar sandice!

Até na propria «Chacota»
Que a trocar se torna seria...
— Na parte não doleteria —
Vemos que nada devota
Negação á Côrte etherea...

So a zombeteira satyrica
Poupasse a pobre moral...
Era o mais bello jornal
Da Velha cidade lyrica,
Ou talvez... de Portugal:

Porque a satyra mordaz,
Aos malaudros assestada...
Por Felix Telles vibrada,
Era d'um condão capaz
Da coonestar a cambada!...

Lêde bem aquelle escripto
Que tom saber o verdadeiro,
E dizel á liberdade
Do vesso negar maldicto
Que existe uma Divindade!

Dizei-lhe mais: Que loucura
A que a descrença propala
A' bolra da escura valla!
«Se a não houvosso, soltura,
«Era preciso invental-a!»

E do que a licença aconselha
Retrocarás em seguida:
«Sem tornar-se fraticida,
«Ao zangano mata a abelha
«Depois do achar-se servida...»

Que vos digam n'a verdade
Robespierre e quejandos,
E voreis que aos mizerandos
Castiga... a severidade
Do um Deus que odeia os desmandos:

Pois não é impoememente
Que sobre uma ara impolluta
Se põe uma prostituta,
E se brada ao delinquente:
«Els aqui o deus da lucta!»

Mas a «Chacota» ao prasmal-vos
Do lumiar da mansarda,
Diz com fnoadamento em barda:
«Para melhor fustigar-vos,
«Hão de pôr-vos uma albarda!»

Alves d'Almeida.

No deserto

Exercita a caridade
Com amor e com bondade.

O atheu menos alvar
Começa por se negar.

E' bem que haja compaixão
Do pobre que não tem pão.

• Se queres prazer divino
• Põe n'aldeia o teu destino. •

O liberal de mão cheia
Não toca na crença alheia

Proteger o immoral
E' enthronizar o mal.

En dissero y sanctidad
La mitad de la mitad. •

Deus, o sablo por essencia,
Não pode oppor-se á sciencia.

Quem ao longe vae casar,
E' logrado ou vae lograr.

A preguiça é uma fiata
Que onera por vinte ou trinta.

Não domines com ontono,
E dá o seu a seu dono.

O sabio aprecia o triste
Que no tolo não existo.

Lograr a simplicidade
E' quasi . . . perversidade.

N'aquelle que a Christo offende
Avulta o Judas que o vende.

A commenda sem o feito
Humilha o que a traz ao peito.

No punir o maleficio
Vae um grande beneficio

• Sé recto, e descançarás,
• Sé justo, e não temerás.

Nas mãos da beneficencia
Mora o pão da indigencia.

Não é sabor o saber
Que ensina o povo a deserer.

Obedeco ás leis vigentes,
E respecta o juz das gentes.

Quem persegue a caridade
Não sabe o que é liberdade.

ALVES D'ALMEIDA.

Sciencia moderna

(DIALOGO)

— Como é possível conciliar a bon-

dade de Deus com as penas do inferno? Pois não é verdade que ha misericordia para todos os peccados?

— Sim, para todos os peccados ha de haver misericordia, sem duvida alguma; mas isto é sómente n'este mundo e não no outro.

— Ora essa! Mas . . .

— Perdeis o tempo em fazer objecções porque todas ellas caem por seu proprio peso, apenas se examina o que é a Eternidade.

— O que é pois a Eternidade, que o examinal-a faz cair tudo por terra?

— A Eternidade, não a podeis comprehendere. Não é, como talvez penseis, e como todos nós temos propensão para imaginar, uma serie de seculos, que se succedem uns aos outros sem fim, não, não é isso de maneira alguma; a Eternidade é um presente sem futuro, e sem mais preterito que o da terra; apenas se entra n'ella, tem-se uma existencia absolutamente differente da d'esse mundo: não ha mais successão de tempo, e por isso toda a mudança de situação é impossivel. Compreendeis isto?

— Não, é grego antigo para mim.

— Não admira. Porque é, dizei-me, que n'este mundo, quando me aparto de Deus pelo peccado, me posso arrepende?

— E' porque conheceis o mal e quereis sair d'elle.

— Não é n'esse sentido a minha pergunta; quero que me digaes porque n'este mundo posso sair do caminho do mal e entrar no caminho do bem; isto é, por que razão se póde operar em mim ou em qualquer outro esta mudança?

— Estamos na mesma, e já vos disse . . .

— Esta mudança póde dar-se em todos, porque todos temos o tempo; temos deante de nós annos, mezes, dias, horas, minutos, e instantes; e um só minuto me basta para me converter por meio do arrependimento. Mas na Eternidade não ha annos, nem dias, nem horas, nem minutos, não ha tempo, não ha successão e por consequencia não ha mudança possivel; no estado em que se entra na Eternidade, n'esse mesmo se permanece. O inferno pois é eterno porque não pode deixar de sel-o.

— Ah!

— Meditae um pouco n'esta explicação, e achareis n'ella a solução de todas as difficuldades contra a eternidade do inferno.

— Parece-me que vou comprehendendo, mas por uma forma muito confusa.

— E demais a doutrina das penas eternas no ensino da Igreja tem uma perfeita compensação com a doutrina

das recompensas eternas; aquella nos manifesta a *soberana e infinita justiça de Deus*, e esta a *sua soberana e infinita bondade*. E por ventura a justiça de Deus não será tão adoravel como todos os seus outros attributos? Repito; não se pensaria em negar o inferno se não o temessem.

— Dêstes no alvo: dissestes uma verdade que eu não posso negar porque a sinto em mim mesmo.

— Pois aproveitae-vos d'ella; e em vez de andardes a fazer objecções loucas, que só mostram ignorancia, senão malicia eu quem as faz, tratae de fazer penitencia. Oh! se se podesse conhecer todos os crimes que o temor da eternidade do inferno tem impedido, todos ficariam bem compenetrados da necessidade d'esta sancção; e como Deus dá ao homem tudo o que é *necessario*, da necessidade da eternidade das penas se comprehenderia a realidade d'ella. Podia ainda mostrar-vos que se o inferno vos parece tão incomprehensivel, é porque não formaes uma ideia exacta da grande natureza do peccado que se castiga com o inferno, e da facilidade com que elle se pode evitar. Limito-me porém ás duas grandes auctoridades que citei relativamente ás vossas duvidas: a auctoridade do genero humano, e a de Jesus Christo, mais respeitavel ainda, o qual no seu Evangelho diz aos condemnados: «Ide, malditos, para o fogo eterno.»

— Credo!

Methodo para evitar peccados

1.º Amar a Deus, e acceitar com paciencia e resignação tudo que for de sua divina vontade.

2.º Regeitar todos os maus pensamentos e todas as más tentações.

3.º Socorrer, podendo, com amor e caridade, os verdadeiros pobres.

4.º Cumprir os mandamentos da Lei de Deus, e os da Igreja Catholica Apostolica Romana.

5.º Obedecer e respeitar as legitimas auctoridades, e as Leis que protejam a Religião Christã, unico fundamento da boa moral e da felicidade dos povos.

BALÃO DO CALVARIO.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«A vida de Santa Ignéz»

SENTO-ME agora á minha mesa de trabalho, abrindo uns cinco volumes, que me tem sido enviados pelos



BETHSABÉE

seus dignos auctores e editores, penhorando-me assim com a valiosa offerta, que francamente não mereço.

Entre elles, encontra-se uma preciosidade religiosa (os livros que mais prendem a minha attenção) a que o seu illustrado traductor chamou em lingua patria—«Vida de Santa Ignez». — O seu amavel editor o snr. Antonio Dourado, incansavel trabalhador que todos os catholicos conhecem e devem respeitar, mais uma vez me distinguiu com a offerta do magnifico livrinho, dedicatória que, como as outras, não me posso cançar d'agradecer.

«A vida de Santa Ignez» não precisava de juizo critico d'um secular humilde, quando a penna d'um abalizado e respeitavel doutor theologo lhe tece subidos elogios, firmando o seu nome respeitado esta justissima apreciação: «A vida de Santa Ignez, virgem e martyr», por D. Luigi Santini, e vertida para vernaculo pelo snr. Fortunato d'Almeida, é um livro de sã doutrina e muito de molde a estimular as donzellas christãs no amor e no culto da pureza virginal. Era bom que esta Santa fosse tida e proclamada protectora das virgens christãs e por

ellas querida e amada, para contrapôr aos sensualismos da epocha, e para isso hem pôde contribuir a leitura d'este livro.»

Como se vê, não era necessaria outra apreciação, porque estou convencido não apparecerão mais sensatas.

Eu sou contudo n'este ponto muito immodesto, e o contentamento ao lêr livros d'esta natureza é tal, que não posso furtar-me a sair a publico, deixar bem clara a minha humilde mas sincera opinião.

O livrinho de que me occupo, é um thesouro incomparavel de virtudes; tal

a sensatez da sua doutrina, a veracidade e a pureza das suas palavras.

Ainda que aqui não venha muito a proposito, que magnificos e successivos exemplos não encerram estas obrinhas pelo snr. Dourado editadas, e esses infelizes e desvairados arruaceiros, que ha pouco em Lisboa mancharam com o procedimento de canalhas a propria honra, manifestando-se taes quaes eram, sem conseguirem mais occultar-se á sombra da bandeira do radicalismo que tudo encobre, e da immoralidade que tudo consente.

Não lucrariam muitissimo esses misereros se, em vez de conferencias publicamente revolucionarias, e pelos poderes publicos consentidas, se fossem instruindo, cultivando o espirito com os livros dulcificantes da verdadeira religião! Não, mil vezes não, respondem elles. E' outro o nosso estandarte, é outra a nossa divisa. Estamos por todos conhecidos, e preferimos o vexame ao arrependimento.

Mas que estou fazendo, não me tinha eu proposto apreciar um magnifico livrinho editado por Antonio Dourado? Tinha realmente. Mas é que o meu espirito revolta-se contra estes factos, indignos e vergonhosos para uma nação, que na sua carta, aos quatro ventos apregoa ser catholica, ser essa a religião official do Estado.

O livrinho de que hoje me occupo, merece ser lido com avidez por todos os que se presam de ser verdadeiros e sinceros catholicos.

São duzentas paginas recheadas de prosa magnifica, como a sabe escrever o reputado auctor do livro, e conscienciosamente verter o snr. Fortunato de Almeida, que nos poucos escriptos que de sua ex.^a temos lido se nos afigura um pensador sagaz.

Que as donzellas christãs accorram pressurosas a lêr este magnifico trabalho, e que o Senhor abençõe o auctor, traductor e editor, que tantos e tão grandes beneficios prestam á causa da nossa religião.

Por ultimo mais um agradecimento sincero á offerta captivante do snr. Antonio Dourado.

FALCÃO DE LIMA.

AO CÉO! AO CÉO! *consolações ás pessoas que soffrem, segundo Santo Afonso M. de Ligório, recopiladas pelo Padre Saint-Omer, Redemptorista, traduzido da 6.^a edição franceza por D. Anna Machado de Castello Branco, é um precioso livrinho, muito recommendavel ás pessoas devotas, que o snr. Aloysio Gomes da Silva acaba d'editar. Custa apenas 50 réis.*

Evangelhos dos domingos e das festas de todo o anno, explicação do texto sob forma de homilias, segundo a exposição dos Santos Padres e dos interpretes catholicos pelo Padre F. X. Schouppé, da Companhia de Jesus, traducção do latim por um Padre da mesma Companhia, — é um precioso livro que o snr. J. J. de Mesquita Pimentel tem no prelo, cujo primeiro volume apparecerá no proximo mez de fevereiro e o segundo e ultimo em maio. Até essa data os dois volumes custarão 1\$600 réis por assignatura e depois 2\$000 réis. O papel é bom e a impressão nitida.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Vocação d'Abrahão

(Vid. pag. 13)

DEUS resolveu formar um povo que fosse o depositario e o custodio das tradições primitivas, e o herdeiro da promessa, que ao homem fizera, de lhe dar um Salvador; e escolheu Abrahão para chefe d'essa nação privilegiada, que devia accumular de dons, pelo que mereceu ser denominada o povo de Deus.

Abrahão descendeu de Arphaxad, filho mais velho de Sem, que, ao sair da arca, tivera maior quinhão das bençãos do Senhor. Nasceu em Ur, na Caldeia, e teve por pae Tharé, que se deixara vencer pelos erros dos Caldeos e que fôra idolatra como elles. Comtudo Abrahão conservara sempre em toda a sua pureza a fé primitiva, e foi para o furtar ao contagio das novas doutrinas que o Senhor lhe ordenára a saída da sua patria.

«Sae, disse elle, do teu paiz e da tua parentela, e ainda da casa de teu pae, e vem para a terra que eu te mostrarei. Farei sair de ti uma grande nação; magnificarei e farei celebre o teu nome. Abençoarei aos teus amigos, abençoarei aos teus adversarios, e todos os povos da terra serão por tua causa abençoados.»

Tharé, tocado pela revelação divina, abandonou o culto do sol e entregou-se ao culto do verdadeiro Deus. Espontaneamente seguiu Abrahão, seu pae; este levou tambem a Sarai, sua mulher, e Lot, seu sobrinho, e partiram para a terra de Chanaan. Pararam em Heran ou Charan, que se suppõe ser a cidade de Charras, na Mesopotamia. Demoraram-se no Valle de Mambré, onde Tharé falleceu na idade de duzentos annos.

Deus appareceu novamente a Abrahão e renovou-lhe as promessas que

lhe fizera, annunciando-lhe «que daria esta terra á sua posteridade.» Por esta palavra, diz Bossuet, Abrahão foi o pae dos crentes, e a sua posteridade foi escolhida para ser a fonte dos bens que deviam alargar-se por toda a terra. Aquella promessa encerrava a vinda do Messias, tantas vezes predicto como aquelle que devia ser o Salvador de todas as gentes e de todos os povos do mundo.

Esta gravura, hem como a de Bethsabée, é copiada da *Biblia Popular Illustrada*, do abbade Drioux.

Bethsabée

(Vid. pag. 19)

Bethsabée era mãe de Salomão. Foi ella, como se sabe, que, impellida pelo propheta Nathan, foi procurar o rei David, na occasião em que Adonias se fazia proclamar rei, e lhe disse: «Tu juraste pelo Senhor teu Deus que o teu filho Salomão havia de reinar depois de ti. Não obstante isso, Adonias acaba de se proclamar rei, sem tu o saberes. Immolou bois e toda a especie de victimas, e todo o Israel tem agora os olhos em ti para saber qual vae ser a tua decisão. O negocio é para nós de summa importancia, porque quando tu deixares d'existir, se teu filho Adonias te succeder, o meu filho Salomão e eu seremos tratados como criminosos.»

Foi então que David, depois de tambem ouvir o propheta Nathan, disse: «Bethsabée, viva o Senhor! o teu filho ha de reinar depois de mim, conforme te jurei. Elle é que se ha de sentar no meu throno, e vou já hoje dar as convenientes providencias.»

As ordens de David foram pontualmente cumpridas. Sadoc derramou o oleo santo sobre a cabeça de Salomão e todo o povo acclamou entusiasticamente o novo rei.

RETROSPECTO

A victoria dos portuguezes na Africa

No dia 4 de janeiro receberam-se em Lisboa os dois seguintes telegrammas:

Lourenço Marques, 4—Conde d'Arnos, secretario particular de Sua Magestade El-Rei, Lisboa.—Peço a honra de apresentar, com as minhas homenagens, as entusiasticas felicitações a Sua Magestade pela prisão do Gungunhana e seu filho Godide, levada a effeito pelo valente capitão Mousinho.—(a) Lança.

Lourenço Marques, 4. - Ultramar, Lisboa.—Acabam de chegar aqui o Gungunhana e seu filho Godide e tio Molungo e suas sete mulheres, acompanhados pelo capitão Mousinho d'Albuquerque, que os foi agarrar a Chaimite, acompanhado pelo tenente de artilheria Miranda, tenente graduado Couto, medico Amaral e 46 praças de artilheria e infantaria.

As minhas calorosas felicitações pela victoria que para o paiz acaba de conseguir o valente capitão Mousinho.

Tambem veio o Zixaxa com tres mulheres suas.

Espera-se que o Mahazul seja preso por estes dias.

No kraal, e em presença do Gungunhana amarrado e de 3:000 vátuas e buingelas, foram fusilados Gulto, irmão do Muzilla, e o induna Manh'enhe, alma damnada do regulo.

A'manhã vou fazel-os embarcar no «Africa», para seguirem para Lisboa. —(a) Lança.

Depois d'estes telegrammas, recebeu no dia 5 o governo um outro telegramma mais explicito e dando mais pormenores.

E' o seguinte:

Lourenço Marques, 5. — Ultramar, Lisboa.—Em aditamento ao meu telegramma de hontem, acrescento que o kraal de Chaimite foi tomado sem resistencia, não havendo, portanto, o mais leve ferimento.

Vou tratar com Mousinho da remonta do esquadrão e organizar o serviço de occupação e policia de Gaza, em harmonia com a organização decretada pelo commissario regio.

A'manhã, ás 5 horas da tarde, haverá parada geral das forças de terra e mar, com assistencia de toda a officialidade, do corpo consular e do povo, para reconhecimento publico da identidade dos prisioneiros de guerra.

Vou chamar, para assistirem, os regulos das terras proximas.—Lança.

Estes telegrammas encheram d'alegria a alma nacional. Por toda a parte, até em remotas aldeias, houve manifestações de regosijo por este triumpho das tropas portuguezas. Tem sido um delirio!

Com a prisão do Gungunhana fica, pelo menos por enquanto, completamente pacificada a Africa do Sul.

O nosso governo apressou-se a transmittir aos governos estrangeiros a noticia d'este triumpho.

Agora, que aquella região está pacificada, resta que trabalhemos para que o nosso predomínio seja ali effectivo.

Lourenço Marques e suas redondezas estão cheias de pastores protestantes, que além de combaterem a religião catholica, que é a religião do Es-

tado portuguez, combatem a nossa influencia.

O Gungunhana teve como espião seu o dr. Leigman, pastor protestante, que as nossas auctoridades deixaram ir em liberdade e até lhe concederam salvo conducto para atravessar as nossas linhas, em vez de o fazerem vir em companhia do Gungunhana a visitar, amarrado de pés e mãos, a nossa bella Lisboa.

O Mahazul e Zixaxa tiveram tambem a seu serviço como espiões alguns pastores protestantes, que a Inglaterra para ali nos despejou envolvidos em pacotes de biblias falsificadas.

Foram os pastores protestantes que incitaram o Gungunhana e a sua gente á revolta (dil-o *O Seculo*, de Lisboa, que é insuspeito).

Se, pois, queremos acabar de vez com a revolta, devemos ter lá quem contrabalance a influencia religiosa e politica dos pastores protestantes, que ali vão mercadejar por conta da Inglaterra. E, para isso, só os missionarios catholicos, os nossos missionarios.

Mas onde ir buscá-los, se estupidamente extinguimos os seus viveiros, que eram as Ordens religiosas?

Não os temos para já, mas podemos tel-os para d'aquia uma duzia d'annos, se restabelecermos as Ordens religiosas, principalmente para o ultramar.

Pense n'isto o governo e faça o que os interesses do paiz lhe aconselharem sem se importar com os odios de seita, soprados pela maçonaria.

Trabalhos para a unidade catholica

Publicou-se um *Motu proprio* do Soberano Pontifice, instituindo por forma autonoma e estavel a commissão pontificia encarregada de trabalhar na reconciliação dos dissidentes com a unidade catholica, a qual será composta dos Cardeaes Ledochowski, Langemieux, Rampolla, Vannutelli, Galimberti, Vaughan, Graniello e Mazella, e terá como adjuntos consultores escolhidos entre os procuradores dos patriarchas orientaes em Roma.

O episcopado hungaro

Uma carta do Cardeal Verga, prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares, dirigida ao Primaz da Hungria e aos Bispos seus suffraganeos (á excepção dos Bispos croatas, porque não dependem do Arcebispo de Gran, mas do metropolitano d'Agram), será, no futuro, a regra do grande partido catholico da Hungria. Na lucta contra o liberalismo judaico, o Cardeal Prefeito resume em quatro pontos principaes a acção politico-religiosa do episcopado magyar: 1.º Accordo completo entre o Primaz da Hungria e os Bispos nas

questões politicas relativas á Egreja; 2.º Combinação previa do Primaz, dos Bispos, dos catholicos em geral e dos juriscultos notaveis a proposito dos projectos de lei que possam ser nocivos á Egreja; 3.º Os Bispos são obrigados a promoverem a eleição de deputados catholicos e a darem-lhes as instrucções que devem observar no parlamento; 4.º Os Bispos devem ajudar o povo christão, não sómente com a auctoridade e prestigio da sua missão, mas tambem com todos os auxilios de que necessitem.

O Santo Padre deseja igualmente que os Bispos da Hungria se reunam periodicamente em assembleia, ou antes, em concilio nacional para a tratarem das questões religiosas da Hungria. O episcopado hungaro tem direito de se reunir e formar, com os abbades dos mosteiros e doutores theologos, um Concilio nacional. O ultimo foi em 1882. Pio IX, pelo Breve *Optime nocitis* de 5 de novembro de 1855 e pela Encyclica *Singulari quidem* de 15 de março de 1856 recommenda aos Bispos do imperio que se reunam frequentemente.

Veiu depois a denuncia da Concordata pela Austria, e depois a legislação anti-religiosa de 1866. A disciplina do episcopado austriaco relaxou-se. As reuniões annuaes tornaram-se raras. Foi então que Leão XIII, na carta apostolica de 3 de março de 1891, recordou o appello de Pio IX ao episcopado austriaco, e na sua Encyclica de 2 de setembro de 1893 convidou o episcopado hungaro a reunir-se todos os annos para discutir os meios da defeza da religião e da Egreja.

Esta nova acção catholica não encontra opposição por parte das classes instruidas.

A Hungria é o ultimo paiz da Europa que se insurgiu contra o regimen judaico e maçonico, e é talvez o paiz onde a reacção catholica mais energeticamente se ha de manifestar.

O prestigio e a força do grande partido catholico da Hungria provem toda da nobre attitude do episcopado d'aquella nação. Dirigidos pelos Bispos, e sob a alta protecção d'estes, os catholicos nada tem a recear.

Discurso de Leão XIII ao Sacro Collegio

Por occasião das festas do Natal, o Santo Padre dirigiu ao Sacro Collegio o seguinte discurso:

«Sempre em suave alegria, volta a festa solemne do Natal, d'aquelle infavel mysterio que trouxe ao genero humano a paz e a salvação. Paz e salvação! preciosissimos bens de que o homem sente cada vez maior necessidade, e que não póde verdadeiramente

lançar e disfructar são mediante a graça do Homem-Deus.

Pelas vicissitudes por que a Igreja vaee passando, por tantas agitações mundanas, importa sobremodo que se multipliquem os votos ao throno da Divina Misericordia, provedora perpetua d'aquelles mesmos bens. E' tambem para nós, Senhor Cardeal, de grande regosijo, que se haja assignalado, ao apresentar-nos o Sacro Collegio as suas felicitações, a solicitude que anima os fieis a implorar do alto novos auxilios e força para a Igreja e seu Chefe na obra de procurar a paz e a salvação do mundo.

Ultimamente, em varias occasiões, recommendamos orações especiaes. Recommendamol-as na solemnidade de Pentecostes, e novamenté no sagrado mez da Virgem do Rosario. Foi tambem tratado por nós tão importante motivo da oração, e d'uma maneira especial na Carta Apostolica dirigida á pobre nação ingleza. A nossa palavra e as nossas exhortações, abençoadas por Deus, foram cumpridas por todos, e assim o devemos reconhecer, como effeito principal, n'aquelle despertar e crescente fervor de sentimentos e acção catholica, que se estão notando em varias nações, uteis tambem aos seus mais vitaes interesses. E não esperamos ser menos feliz na empreza, por Nós ferventemente promovida, da volta á unidade catholica das ohristandades dissidentes.

Certo é que para tal obra se requer uma efficacia singular de esforço e de unanime firmeza de propositos, pois que são, de ha muito, as preoccupações que ha necessidade de destruir e não leves nem em pequeno numero as difficuldades que ha que vencer. Mas quem não pôde recorrer, com confiança, a Deus sobre os designios e acontecimentos humanos? Que fructos tão prodigiosos não grangeou, tanto nos antigos como nos modernos tempos, a prágação religiosa?

Sem embargo, causa triste amargura considerar o seculo orgulhoso e infiel que se atreve a vilipendiar e a depreciar esta ordem sobrenatural de

cozas, e as seitas impias todas dispostas a suffocar os germens da religião e de piedade nos ternos corações dos que pretendem educar-se nas virtudes civicas e moraes.

Não obstante, a dignidade jámais se mostra mais nobre que quando se inclina reverente a Deus e infunde n'elle sua alma, ou para prestar-lhe homenagem de gratidão ou para lhe supplicar clemencia e protecção. E foi sempre grandioso espectáculo ver os Principes e os povos alcançar de Deus, publicamente impetrado, já os auspicios de qualquer empreza a mais esplendida, já a protecção nas grandes desventuras.

Contra a perversão que deploramos, clama alto não só a auctoridade dos preceitos divinos, mas tambem o dictame da razão e a voz do coração, que já foi fielmente exercida pelas nações mais cultas do paganismo.

Oh, bom Deus! quanto necessita de vossas bençãos a idade presente!

Justo é, pois, Senhor Cardeal, que n'estes preciosos dias se invoque mais fervorosamente a graça benignissima do Salvador. Elle, esplendor da verdade, sol da justiça, Principe da paz, se dignará cumprir as universaes esperanças, para extensão do seu reino na terra e para prosperidade verdadeira dos povos que se gloriam em seu Santo Nome.

Entretanto, e como prova de reciprocos sentimentos e affectuosas felicitações que o Sacro Collegio nos ha testemunhado, pedimos ao mesmo Salvador a abundancia dos fructos celestiaes, e damos-lhe com toda a effusão do nosso coração a benção apostolica, assim como aos Bispos, Prelados e a todos os que aqui estão presentes.

A vida intima do Santo Padre

Está em Madrid o conde Pecci, sobrinho de Leão XIII. Entrevistado por um jornalista madrileno, o conde de Pecci deu informações sobre a vida intima de Leão XIII.

O Santo Padre levanta-se invariavelmente ás seis horas da manhã, tanto

de verão como de inverno, e uma hora depois diz missa, ou na sua capella particular, ou no proprio oratorio, conforme a temperatura, pois nunca consentiu que nos seus aposentos houvesse caloriferos de qualquer especie.

Depois do Santo Sacrificio, Leão XIII almoça, mas raras vezes toma mais do que uma chavena de café com leite. Em seguida recebe o seu secretario particular Monsenhor Angeli, e depois, ás dez da manhã, despacha com o secretario de Estado, Cardeal Rampolla.

A's onze realisa-se a recepção official dos Cardeaes *de turno*, retirando-se á uma hora aos seus aposentos. Pouco depois janta, servindo-lhe o jantar um creado de muita estima, Pio de Sentras. O *menu* pouco varia, consistindo em geral em sopa de arroz; frituras, e raras vezes um pedaço de caça, e um copo de Bourdeus.

Terminado o jantar, o Santo Padre descança. Das duas e meia para as tres sae de trem a dar um passeio pelos jardins do Vaticano, onde, a meude, se apeia. Acompanha-o um coronel da guarda nobre. A's cinco regressa ao palacio e recebe os Bispos que vão periodicamente fazer a visita *ad limina apostolorum*.

Sua Santidade reúne diariamente, ás oito da noite, todo o pessoal de serviço para rezar o Rosario á Virgem, de quem é summamente devoto; e depois trabalha no seu gabinete até ás onze.

As unicas distracções de Leão XIII são o xadrez, uma vez ou outra, e os trabalhos dos jardins e hortas do Vaticano. Inspecciona o famoso vinhedo e outras plantações que faz cuidar com esmero. Actualmente está muito desgostoso porque muitas cepas *seccaram* atacadas pela *peronospera*.

Tambem dirige pessoalmente as obras que se estão fazendo na velha Torre, onde habita durante o periodo agudo do verão.

A saude do Summo Pontifice é excellente. Em breve completará 87 annos, e apesar de tal idade, dizem que se acha com a mesma rigidez que possuia quando foi eleito Papa.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1200 reis—Estados da India, China, e America, 1280 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou meo anno.

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—P. RTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.

Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria 74.—Porto